



Identidade! é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

A TERRA PROMETIDA

THE PROMISED LAND

Resenha de: VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019. 264p.

Samuel Jônatas Garcia de Araújo

Mestrando em Ciência da Religião no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Contato: samuel.araujo.sdg@icloud.com

Torto Arado é o primeiro romance do brasileiro Itamar Vieira Júnior, ganhador dos prêmios LeYa (2018) e Jabuti (2020). Vieira Júnior é natural da Bahia, formado em Geografia, com doutorado em Estudos Étnicos e Africanos. O trabalho de pesquisa para seu doutoramento serviu de base à escrita de seu romance.

Torto Arado conta a história de Bibiana e Belonísia, duas irmãs que vivem numa comunidade quilombola situada em uma fazenda, na região da Chapada Diamantina. Apesar do gosto amargo advindo da crueza dos sofrimentos vividos pelas irmãs e pelo povo de Água Negra, a fazenda onde vive a comunidade, temos também esperança, através do colorido cultural, social e religioso e da coragem e resiliência dos moradores.

O livro é muito bem escrito. Tudo, desde personagens a ambientações, é descrito de forma primorosa, profunda e rica. O eu lírico revela um trabalho etnográfico capaz de nos fazer sentir o calor do sol, o cheiro da terra, a alegria da chuva, o terror da pobreza e da fome, a torpeza da memória quebrada, o rebombar dos tambores, a energia das cerimônias religiosas etc. De fato, ler *Torto Arado* foi uma das coisas boas de 2020, o ano mais conturbado do século até o presente momento. Quase uma experiência antropológica de estar entre aquela comunidade tão rica, calorosa e bela – Um vislumbre de aconchego e afeto, de humanidade, em tempos de *lockdown* e polarizações. Nas linhas a seguir, gostaria de comentar brevemente quatro aspectos temáticos que mais me chamaram atenção: voz, terra, memória e Jarê.

O livro é dividido em três partes, cada uma narrada por uma personagem diferente. A primeira parte, intitulada “fio da navalha”, é narrada por Bibiana; a segunda, “torto arado”, por Belonísia; e, finalmente a terceira, “rio de sangue”, por Santa Rita Pescadeira, uma entidade do Jarê, religião de matriz africana, um

Candomblé caboclo, que incorpora elementos ameríndios e católicos. O Jarê é típico da região da Chapada, na Bahia.

Logo no primeiro capítulo da primeira parte, abrindo o livro, é narrada a cena em que Bibiana e Belonísia, ainda crianças, acham a faca da avó, Donana, e encantadas com o brilho do objeto o colocam na boca, a fim de sentir seu sabor. Infelizmente, uma delas acaba por decepar a própria língua. Há certa ambiguidade narrativa sobre quem ficou muda, embora saibamos que seja Belonísia. Com isso, cria-se uma interdependência entre Bibiana e Belonísia muito rica. Uma só encontra voz na outra.

A relação vocal entre as duas irmãs serve de metáfora à própria condição do povo: silenciado pelos donos da fazenda e pela estrutura social racista – mesmo após a abolição –, encontra voz de modo comunitário. Como ocorre com Bibiana e Belonísia, a tragédia une o povo negro disperso na diáspora. Não foi apenas Belonísia quem perdeu a língua, também Bibiana e toda a sua família: Salu, Zeca Chapéu Grande, Domingas etc. O drama de Belonísia ressalta a perspectiva comunitária das cosmopercepções africanas – também indígenas – diferentes de perspectivas mais individualizadas. Na *relação*, Belonísia e Bibiana encontram sua voz. Em *relação* todo o povo de Água Negra descobre também a sua.

Essa mesma dinâmica pode ser também percebida na relação de Belonísia com Maria Cabocla, dando voz, visibilidade, força ao enfrentamento das violências de gênero. Os fatos envolvendo as gêmeas Crispina e Crispiniana também parecem carregar esse teor. Uma se confunde na outra, sofrem uma na outra e, ao que parece, padecem pelo mesmo homem. O livro como um todo é um grito. Um grito de resistência de um povo subjugado e maltratado, os negros – também os indígenas –, as mulheres, os pobres.

É um grito dos que não têm voz, *nem terra*. A forma como a comunidade lida com a terra é distinta da dos donos da fazenda que, aliás, nem lidam propriamente com a terra; mantêm-se distantes. São os negros descendentes de escravos que trabalham a terra: plantam, colhem, cuidam, vivem e moram. A sua alimentação vem da terra, sejam os vegetais cultivados, sejam os peixes pescados nos rios e os animais criados. A terra é cuidada pelo povo, que limpa os terrenos, adentra as matas e vive em harmonia com a natureza. Suas casas são feitas da própria terra, do barro, pois é

proibido fazer construções mais duradouras. As habitações de barro refletem sua própria condição de povo: ambos podem ser apagados, destruídos, afogados nas águas violentas do despautério do capital financeiro e de seus agentes.

A condição de semiescravidão vivida pelos trabalhadores de Água Negra, que não têm “direito” à terra, que não recebem salário, que não podem construir uma morada perene, que têm seus frutos recolhidos pelos donos, vai ganhando esclarecimento conforme o povo se une. A voz que ganham juntos dá som à consciência sempre crescente de sua situação e os conduz à luta pela terra.

O livro acaba sem sabermos se eles ficam na terra ou se são desapropriados. Um lembrete de que a arte imita a vida e a vida imita a arte. Literatura e realidade se encontram no horizonte onde se põe o texto, levantando a suspensão da concretude encenada por todos nós. Uma apócope de nossa inspiração-expiração na ânsia pela resolução, pela liberdade plena do povo diaspórico. Uma condição em tensão, sem resolução ainda hoje nas periferias e interiores do Brasil, onde povos ainda esperam e lutam por verdadeira libertação.

À imposição do desterro e do mutismo se alia a fragmentação da memória. A narrativa do eu lírico, quer por meio das narradoras Bibiana e Belonísia, quer por meio de Santa Rita Pescadeira, é picotada, um entremear de pensamentos, lembranças, histórias e sensações, como um eco de *Vidas Secas*. Essa característica textual imprime a memória de um povo alquebrado. É a materialidade palpável de séculos de dispersão e violência. Eles não sabem ler e escrever, não tiveram acesso à educação. Sua história foi roubada; seus símbolos proibidos e demonizados.

A única memória que esse povo conhece é o próprio corpo, numa comunidade de corpos que unem seus fragmentos formando um tecido cheio de cor, energia e significados submersos. É a memória da oralidade e do corpo: inventiva, sempre viva, fiada na jornada. Uma memória antiga: cheia de sabedoria, pesada de muita bagagem, das andanças de um povo em desterro.

A memória dos vivos, dos que ainda não nasceram, dos que já morreram, de todos os encantados e guias que acompanham a trajetória muda, mas gritante; proscrita, mas herdeira de uma cultura opulenta. Um dos capítulos mais significativos para mim foi o primeiro da terceira e última parte. Essa seção é toda narrada por Santa

Rita Pescadeira e a associação entre um encantado sem seu cavalo – Dona Miúda – e um povo sem terra é de uma beleza estonteante.

Temos um grande monólogo de Santa Rita Pescadeira sobre si: sua história de peregrinação com o povo da diáspora e Miúda, além de seu próprio desterro, esquecimento e falta de voz por conta disso. Partilha a condição dos seus devotos, sua existência é a luta para achar uma terra, ter voz, dançar nas brincadeiras, ser reconhecida e lembrada.

Sabendo que é Santa Rita Pescadeira quem vinga a morte de Severo exercendo juízo sobre o opressor, é impossível para mim, como teólogo cristão (aspirante a teólogo, na verdade), não ver *Torto Arado* como Escritura quilombola. A Bíblia Hebraica vai narrar a condição de um povo sem voz, sem terra e de memória alquebrada, mas que clama a YHWH. Tendo visto o sofrimento do povo, YHWH liberta-o *com braço estendido e mão poderosa*. Essa história narrada por inúmeros profetas virou escritura de libertação.

A história narrada por Santa Rita Pescadeira, na pena do profeta Itamar, pode ser uma escritura de libertação. Um povo antes sem voz tem sua história contada por seu próprio Guia. Sua memória é escriturada, preservada e mantida viva; seu sofrimento, vingado e revertido; sua terra prometida, finalmente possuída.

Torto Arado já nasceu como um clássico: antigo, profundo, rico e belíssimo. Que seja uma escritura de liberdade, de justiça, de esperança. O livro é recomendado para aqueles que desejam conhecer um pouco mais a alma do povo brasileiro; para os que queiram ouvir a voz que tentaram silenciar, a terra que ainda é promessa, a memória tecida a muitas mãos e a fé da resiliência. Penso ser apropriado terminar estas linhas com a canção “Terra Prometida” de Toquinho e Vinícius de Moraes:

*Poder dormir
Poder morar
Poder sair
Poder chegar
Poder viver
Bem devagar
E depois de partir poder voltar
E dizer: este aqui é o meu lugar*

*E poder assistir ao entardecer
E saber que vai ver o sol raiar
E ter amor
E receber amor até não poder mais
E sem querer nenhum poder
Poder viver feliz pra se morrer em paz*